



OS CLICHÊS DO JORNAL VOZ DE DIAMANTINA DO SÉCULO XX NUMA PERSPECTIVA QUADRINÍSTICA

Erika Gabriella Mendes Silva
Erika Viviane Costa Vieira

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
Diamantina-MG, Brasil
Docente na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina-MG,
Brasil

RESUMO

Este trabalho volta-se à pesquisa de edições do jornal Voz de Diamantina publicadas entre 1936 e 1990, dispostos no Museu Tipografia Pão de Santo Antônio, localizado na cidade de Diamantina, Minas Gerais. Tem como objetivo investigar os clichês encontrados em algumas edições que se aproximam das características das tiras, charges, cartuns – gêneros dos quadrinhos, comuns em jornais de grande circulação que, contudo, são nomeados como clichês. Essa nomeação é usada para se referir a qualquer imagem disposta no folhetim em questão. Para a tentativa de aproximação dos clichês com os gêneros dos quadrinhos, é feito um breve esboço das definições desses gêneros possibilitando a comparação dos clichês pesquisados e os quadrinhos. A partir das definições, é possível traçar um paralelo entre os clichês selecionados dos jornais da Voz de Diamantina e os gêneros quadrinísticos. Feito esse trabalho de comparação, percebemos que, apesar dos clichês estudados serem tratados apenas como um simples clichê, não sendo levado em consideração nos jornais da época, como um gênero das histórias em quadrinhos, podemos considerar que eles têm características que se enquadram nos termos dos gêneros quadrinísticos mencionados. Os referenciais teóricos foram Ramos (2014), que tratou das tiras livres, e Lustosa (2011), que traz discussões a respeito das charges e dos cartuns.

PALAVRAS-CHAVE: Clichês; Quadrinhos; Jornais.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, os quadrinhos surgiram nas páginas dos periódicos jornalísticos, apresentando conteúdos de teor humorístico que faziam críticas à política e aos costumes. A obra *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à corte*, de Ângelo Agostini, é apontada como a primeira história em quadrinhos brasileira, tendo a sua primeira publicação na revista “Vida Fluminense”, no Rio de Janeiro, datada em 30 de janeiro de

1869. Agostini, criador de charges e caricaturas, foi também autor de *As aventuras de Zé Caipora*, trabalhando nos roteiros e nos desenhos de 1883 até 1906.

O tico tico, lançada em 1905, foi a primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos, sendo considerada como ponto de partida das publicações voltadas ao público infantil no Brasil. Em 1928, o jornal paulista *A Gazeta* lança a *Gazeta Infantil*, o que tornou um suplemento semanal a partir de 12 de setembro de 1929, nomeado *A Gazeta Edição Infantil* e manteve-se em circulação até o ano de 1950.

Dito isso, conclui-se que a relação entre os quadrinhos e o jornalismo é antiga. As tiras, charges, cartuns e caricaturas, passaram a integrar as publicações diárias de grande circulação como elementos quadrinísticos indissociáveis dos jornais impressos. Dado esse contexto, iremos voltar na história, mais precisamente na década de 30, afim de investigar como o jornal *Voz de Diamantina* incorporou elementos visuais assemelhados aos quadrinhos a algumas de suas publicações.

Este trabalho tem como propósito, percorrer os jornais do *Museu Tipografia Pão de Santo Antônio*, mais precisamente os do *Voz de Diamantina* publicados entre 1936 e 1990, com o intuito de investigar as imagens encontradas nessas edições que se aproximam das características das tiras, charges, cartuns – gêneros dos quadrinhos, comuns em jornais de grande circulação – que, todavia, são nomeados simplesmente como *clichês* – nomeação que se dava a qualquer imagem disposta nos jornais em questão. Para isso, retornamos à história do jornal, de onde tudo começou. Nessa pesquisa, foi traçado um paralelo entre os clichês selecionados e os gêneros quadrinísticos e, a partir do trabalho de comparação, percebemos que, apesar de os clichês estudados serem tratados apenas como “clichês”, que eles têm características que os aproximam dos gêneros quadrinísticos. Os referenciais teóricos utilizados para as análises foram Ramos (2014), que tratou das tiras livres, e Lustosa (2011), que traz discussões a respeito das charges e dos cartuns.

2. JOSÉ AUGUSTO NEVES E O PÃO DE SANTO ANTÔNIO: ONDE TUDO COMEÇOU

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

José Augusto Neves nasceu em Diamantina, Minas Gerais, em 1897. Saiu da sua cidade natal para estudar Direito e, a partir de 1897, se tornou professor de História e Geografia, disciplinas essas de grande importância entre intelectuais e políticos no século XIX e eram consideradas como “modeladoras da maneira de ver e compreender o mundo”. Neves, nesse sentido, possuía uma formação intelectual de acordo com o que era prestigiado e conceituado naquela época. Em 1898 retorna a Diamantina e torna-se funcionário público e passa a reger aulas de Geografia em escolas da região. No ano seguinte, publica o sua *Chorographia do Município de Diamantina*, e assume, em 1900, a presidência do “Grêmio Joaquim Felício”. José Augusto Neves, na sua trajetória, ocupou ainda cargos administrativos e honoríficos, com expressivo trabalho na esfera cultural e política de Diamantina e região. (GOODWIN, 2007, p. 106).

Neves participou do processo de construção da Estrada de Ferro até Diamantina, atuou na Comissão Municipal que tratava da política de limpeza das ruas da cidade, além de se destacar pela sua relação com associações de ação católica, como é o caso da fundação da Pia União do Pão de Santo Antônio. Essa associação foi fundada no início do século XX, e tinha como intuito distribuir esmolas aos pobres desamparados. A Pia União do Pão de Santo Antônio se voltava para à prática da caridade cristã e à propagação da devoção a Santo Antônio de Pádua. José Augusto Neves, primeiro veio a ser secretário da instituição em que posteriormente se tornou presidente. Ele se preocupava com a construção de abrigos para aquelas pessoas desamparadas, embora faltasse dinheiro para iniciar as obras. A partir de doações, rifas e quermesses, surge o *Recolhimento dos Pobres*, edificado aos poucos, ao longo de 50 anos. A associação se mantém até hoje acolhendo os idosos. Em 1906, o jovem professor, cria o jornal *Pão de Santo Antônio*, que vinha com o propósito de arrecadar recursos para a causa caridosa, mas que também carregava na sua essência o propósito de disponibilizar para a população da região um veículo informativo e cultural. Devido às dificuldades, o jornal deixou de circular em diversos momentos. Nos seus altos e baixos o jornal manteve-se vivo, mas também mudou de nome, sendo conhecido tanto como *Voz de Diamantina* quanto *Pão de Santo Antônio* (UTSCH, 2015, p. 15).

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

O jornal *Pão de Santo Antônio* era bastante diversificado. Apresentava constantemente notas expondo as necessidades do patrimônio e pedidos de colaboração dos leitores para o custeio das obras e manutenção geral. Para cumprir sua função informativa, também trazia anúncios de produtos e serviços da região, além de notícias voltadas ao desenvolvimento da cidade, que na época era algo que gerava muita preocupação, bem como uma crítica conservadora contra os “desvios” do mundo moderno, que estava relacionado, muitas vezes, às mudanças comportamentais das mulheres. Nas primeiras décadas do século XX, a sociedade diamantinense era basicamente patriarcal e conservadora. O jornal, conivente com um ideal moralista de sociedade, acaba assumindo o papel de educador da população, e mostrava, além disso, a personalidade de José Augusto Neves, que fazia do jornal um meio para expor suas ideias.

O jornal *O Pão de Santo Antônio* (e depois a *Voz de Diamantina*) pretendia ser um instrumento através do qual José Augusto Neves, e seus colaboradores, interviriam na vida da comunidade diamantinense, procurando educá-la para viver no novo mundo que surgia. Contra o qual esse grupo não se opunha, posto que demonstrava entusiasmo pelas conquistas tecnológicas e de melhoria de vida – e ao qual aderiu, pelo uso de um de seus principais símbolos, a imprensa. Um mundo, ainda assim, visto com cautela e reserva. O progresso era visto como algo bom, mas que apresentava risco. Modificações nos padrões morais e de comportamento, especialmente no que se referia ao papel e à atuação das mulheres, eram vistas com grande temor pelos mentores desta publicação. Utilizavam um dos instrumentos da modernidade para preservar e perpetuar valores tradicionais. E assim tentavam construir uma cidade que fosse capaz de modernizar-se e, ao mesmo tempo, manter os vínculos com uma dada religiosidade, moralidade e hierarquia. (GOODWIN, 2007, p. 108-109).

O jornal *Pão de Santo Antônio*, que mais tarde recebeu o nome de *Voz de Diamantina*, após a morte do seu criador, em novembro de 1955, passou a ser responsabilidade de um padre, Cônego Walter de Almeida, entre 1955 e 1990. Segundo relatos, a gráfica entrou em declínio na década de 80, quando foi atingida por uma crise financeira, tendo como consequência a diminuição da frequência de publicações de jornais nessa década. Em 1990, a gráfica não resistiu à crise, sendo publicado neste ano apenas uma edição do jornal, vindo a ser reinaugurada como museu – o *Museu Tipografia Pão de Santo Antônio* – no dia 14 de julho de 2001.



O *Museu Tipografia Pão de Santo Antônio* é um modelo de museu, único em todo o Brasil, sendo grande símbolo para a cidade e para o país, pois reflete quase todo o século XX através de sua tipografia. A grandiosidade desse museu é vista diante o material jornalístico que “sempre foi de grande relevância para a pesquisa histórica e é retrato da época em que foi registrado, imortalizando as sociedades e cidades que estamparam as páginas dos periódicos”. O museu conta com um acervo museológico e documental referente aos jornais *Pão de Santo Antônio* e *Voz de Diamantina*, compreendidos entre 1906 e 1990. (UTSCH, 2015, p. 7).

O museu é situado na antiga tipografia dos jornais e é marcado pela união dos meios de produção próprios da tipografia “com os impressos saídos de seus prelos” e conta com máquinas impressoras, cavaletes tipográficos, mobiliário, clichês e demais equipamentos. O museu carrega o status de patrimônio e conserva quase 4 mil exemplares dos jornais produzidos ali. (UTSCH, 2015, p. 9).

Esse retorno à história do Pão de Santo Antônio, faz-se necessário para entendermos o contexto que propiciou o surgimento da publicação e quem o iniciou, para então direcionarmos o nosso olhar para nosso objeto de investigação, os clichês. Pode-se concluir que essa publicação exerceu significativa influência na formação de opinião na cidade de Diamantina, dada sua vocação religiosa e conservadora. Dessa forma, seus clichês, a partir da perspectiva histórica da gráfica e do seu criador, contribuem para que essa visão de mundo e de comportamento se façam representados.

3. OS CLICHÊS DO JORNAL VOZ DE DIAMANTINA E OS GÊNEROS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

No processo de exploração dos jornais do *Voz de Diamantina*, publicados entre 1936 e 1990, foram recolhidos clichês, por meio de fotografias e scanner para que esses registros fossem analisados de acordo com as características das tiras, charges, cartuns – gêneros dos quadrinhos comumente encontrados em jornais de grande circulação.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Analisaremos mais adiante alguns dos exemplos de clichês encontrados nas publicações do jornal *Voz de Diamantina* entre 1936 a 1990. Os que mais se aparentavam aos gêneros quadrinísticos foram encontrados principalmente entre as décadas de 40 e 50. Essa análise será feita para apresentar a semelhança dos clichês da época com o gênero das histórias em quadrinhos, e mostrar, sobretudo, como o caráter moralista e conservador do jornal, poderia vir a influenciar na maneira como se denominava e tratava as imagens, uma vez que esses clichês não eram apresentados com um possível gênero quadrinístico – comuns em jornais de grande circulação – mas sim, como um simples clichê.

Em uma tentativa de aproximação dos clichês com os gêneros dos quadrinhos, primeiramente faremos um breve esboço das definições desses gêneros para facilitar a comparação entre os clichês pesquisados e os quadrinhos. Esse embasamento teórico é importante, pois é a partir dele que teremos condição de relacionar os clichês com os gêneros quadrinísticos, e daí em diante buscar entender o que o contexto histórico do jornal tem a ver com a denominação e tratamento das figuras.

Antes de tudo, é válida uma sucinta descrição das histórias em quadrinhos. Segundo Ramos (2014), as histórias em quadrinhos,

compõem um campo maior, denominado *hipergênero*, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e à tendência à presença textuais narrativas. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos coincidentes. Entre eles, os variados tipos de tiras. (RAMOS, 2014, p. 30).

Por outro lado, o que chamamos de “clichê” refere-se a uma chapa metálica que traz gravada em relevo uma imagem destinada a ser reproduzida para impressão de imagens e textos a partir da prensa tipográfica, o que também se relaciona ao texto ou à imagem impressa por esse processo.

Retomando a história em quadrinhos, ainda de acordo com os termos de Ramos (2014), ela

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

engloba uma diversidade de gêneros autônomos, constituídos e nomeados de diferentes maneiras, que utilizam a linguagem dos quadrinhos para compor um texto tendencialmente narrativo, dentro de um contexto sociocognitivamente construído numa situação de interação. (RAMOS, 2014, p. 38).

E são exatamente de alguns desses gêneros autônomos que descreveremos aqui. São eles os cartuns, as charges e as tiras, gêneros quadrinísticos dispostos comumente nos mais diversos jornais.

3.1. CARTUNS

Por ordem, iniciaremos com os cartuns. De acordo com Davies (2011), os cartuns, assim como as caricaturas, são objetos visuais e materiais, criados por um indivíduo específico. Para que haja a sua circulação, necessita-se de um meio físico de reprodução, seja ele eletrônico ou mecânico. Os cartunistas podem até tentar ser engraçados e levar o leitor ao riso, todavia, não é algo necessário.

Um cartum pode ser simplesmente o equivalente visual de parte de uma retórica séria, uma maneira de expressar um ponto de vista respeitável de forma predominantemente visual, embora talvez acompanhado de um texto para reduzir a ambiguidade. (DAVIES, 2011, p. 94).

Nos termos de Arbach (2007), o cartum é pensado como forma gráfica que surgiu “como desdobramento da arte da representação do humor caricato” e pode ser considerado a expressão gráfica de uma narrativa humorística. (ARBACH, 2007, p. 212). Esse autor apresenta o cartum como

[...]uma anedota gráfica, uma crítica mordaz, que manifesta seu humor através do riso. Faz referências a fatos ou pessoas, sem o necessário vínculo com a realidade, representando uma situação criativa que penetra no domínio da invenção. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos ou personagens. (ARBACH, 2007, p. 212).

Resumindo, o cartum está relacionado a um desenho humorístico, caricato ou não, que satiriza comportamentos humanos e fatos, e não precisa necessariamente estar

vinculado com a realidade. Os cartuns são encontrados normalmente em jornais, revistas e na internet, assim como as charges e as tiras.

3.2. CHARGE

A charge é marcada por uma representação pictórica de cunho cômico e caricatural, satirizando um determinado fato, que geralmente é de temática política de conhecimento público. Em geral, faz uma crítica, seja de acontecimentos recentes ou algo que ainda esteja em evidência. O objetivo da charge, de acordo com Arbach (2007),

é a crítica humorística de um fato ou de um acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público segundo a ótica do chargista. Tanto se apresenta somente através de imagens quanto combinando imagem e texto. Sua ocorrência opera em cima de fatos reais e o conhecimento prévio do tema abordado na charge, por parte do leitor, é fator essencial para compreendê-la” (ARBACH, 2007, p 210).

Em outras palavras, podemos concluir que a charge depende do compartilhamento sociocognitivo de um determinado contexto para que sua legibilidade se efetue.

3.3. TIRAS

No que se refere às tiras, este gênero conta com três gêneros autônomos, com linhas de produção/circulação próprios, sendo eles as tiras cômicas, as tiras (cômicas) seriadas, e as tiras livres.

A mais comum das tiras são as *tiras cômicas*. Essas são vistas mais comumente e estão presentes nos cadernos de cultura dos jornais brasileiros e nas páginas autorais das mídias virtuais com maior frequência. Há uma semelhança entre as formas de composição das tiras com as piadas, que é um gênero conhecido por enunciados tendenciosamente curtos, que podem ter personagens fixos ou não, e que apresentam um desfecho inesperado, onde geralmente está o humor. A tendência é que tiras cômicas: apresentem formato fixo, com uma ou duas colunas e na horizontal, de um ou dois andares, (nas revistas em

quadrinhos pode aparecer também na vertical); utilize de poucos quadrinhos; utilize de imagens desenhadas. Os personagens podem ser fixos ou não; há uma sequência narrativa, com diálogos e pode ter continuidade em outras tiras; o tema apresentado é humorístico; e tem a tendência de apresentar um desfecho inesperado. (RAMOS, 2014, p.40-41).

Já as *tiras seriadas* são marcadas pela narração de uma história maior e que é contada por partes. Semelhante ao que é feito nas novelas, cada história funciona como um capítulo. “A tira retoma a cena final do capítulo anterior, que serve também de gancho para a parte seguinte”. (RAMOS, 2014. P. 44). As tiras seriadas eram frequentes nos jornais norte-americanos a partir da década de 1930 e possuem marcas tanto das tiras cômicas como das tiras seriadas, o que quer dizer que narra um capítulo por dia e finaliza com um desfecho inesperado. (RAMOS, 2014, p. 46).

O último gênero autônomo trata das *tiras livres* que por vezes apresentam marcas que as distanciam dos outros gêneros de tiras, como a ausência de humor e de piadas, que são comuns nas tiras cômicas e as histórias são contadas em uma só tacada, ao contrário das histórias seriadas. Em suma, neste gênero predomina a forma livre de criar. (RAMOS, 2014, p.67).

4. ANÁLISE DOS CLICHÊS ENCONTRADOS NAS EDIÇÕES DO JORNAL VOZ DE DIAMANTINA NUMA PERSPECTIVA QUADRINÍSTICA

Dadas as definições dos gêneros dos quadrinhos, é possível traçar um paralelo entre os clichês selecionados dos jornais *Voz de Diamantina* e os gêneros quadrinísticos, tendo como base as características dos gêneros tratados anteriormente.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 1 – Clichê encontrado no jornal Voz de Diamantina que se assemelha a gêneros das HQs.

Fonte: Voz de Diamantina. Ano VIII, nº 48, p.2, 1945.



Figura 2 – Clichê encontrado no jornal Voz de Diamantina que se assemelha a gêneros das HQs.

Fonte: Voz de Diamantina. Ano VII, nº 39, p.2, 1944.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 3 – Clichê encontrado no jornal Voz de Diamantina que se assemelha a gêneros das HQs.

Fonte: Voz de Diamantina. Ano XLI, nº 24, p.3, 1948.



Figura 4 – Clichê encontrado no jornal Voz de Diamantina que se assemelha a gêneros das HQs.

Fonte: Voz de Diamantina. Ano IX, nº 34, p.2, 1946.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Essas quatro imagens dispostas correspondem aos exemplos de clichês encontrados nos jornais, que são o nosso objeto de estudos. O fato que chama atenção é que esses clichês vêm acompanhados de textos, sendo alguns deles usados para ilustrar um “diálogo”. Embora a variedade dos clichês seja considerável, nota-se que todos os clichês selecionados aparecem mais de uma vez nas edições do jornal, porém, com textos diferentes. Por exemplo, nas figuras 2 e 4 as imagens são as mesmas, mas os diálogos são diferentes, embora mantenham uma mesma temática, que é a crise habitacional pela qual a cidade de Diamantina, Minas Gerais está passando.

De acordo com as definições e características dos gêneros dos quadrinhos aqui tratados, a forma pela qual esses clichês estão dispostos os aproximam mais das charges e cartuns do que das tiras cômicas – que precisam de uma sequência narrativa e não há sequência nos exemplos apresentados, sendo as imagens do jornal apresentadas de maneira única, tais como nos exemplos mostrados. No caso, as imagens oscilam entre as charges e os cartuns porque satirizam ou fazem uma crítica a acontecimentos atuais, a crise habitacional que atingia a cidade na década de 40 (figuras 2 e 4). Outra característica das charges que pode ser encontrada nas figuras 2, 3 e 4 é o fato de que se torna essencial que o leitor tenha conhecimento prévio da temática apresentada para que haja a compreensão do contexto. Ao mesmo tempo, essas imagens tratam de situações familiares e do cotidiano dos leitores, o que auxilia na interlocução entre a imagem do clichê e o texto que o acompanha.

A figura 1, por sua vez, se aproxima mais da definição de charge, pois a imagem do homem se assemelha a uma caricatura de alguma personalidade da época (que não foi possível identificar para este estudo). Contudo, observa-se a referência a um fato político-histórico (algum tipo de eleição, já que se faz menção ao ato de votar) e a pessoas. A situação de humor recai na relação da personagem masculina (o homem) e sua esposa que, nesse caso, é quem manda em casa. Nessa situação, o vínculo se faz com o cotidiano e é representado de maneira criativa ao satirizar o protagonismo feminino. (ARBACH, 2007, p. 212).

O que é evidente nesses 4 clichês, como nos demais clichês encontrados no *Voz de Diamantina*, principalmente nas décadas de 40 e 50, é seu uso atrelado a pequenos textos

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

usados para criticar o momento histórico e político que a cidade de Diamantina e região estava atravessando. Assim, as temáticas associadas aos clichês retornavam constantemente às solicitações de colaboração financeira com o Pão de Santo Antônio; às questões do desenvolvimento da cidade, onde foi retratada por muitas vezes a problemática da crise habitacional; aos assuntos que deixavam claro o posicionamento crítico do jornal, moralista e conservador, como é o caso dos clichês que condenavam o hábito de cuspir e escarrar no chão, que chamavam a atenção dos pais para o cuidado com a educação dos filhos, e aqueles que traziam críticas às mudanças de comportamento das mulheres na época, entre outros.

Não fica claro se o editor do jornal tinha conhecimento e intenção de usar algum gênero quadrinístico no *Voz de Diamantina*, mas ao associar os diálogos às imagens dos clichês, fica bastante evidente o desejo de usar imagem e texto para fazer críticas ao momento histórico do local. Assim percebemos como os clichês se relacionam com os gêneros quadrinísticos, mesmo não apresentando todos elementos dos quadrinhos, como os balões de fala e as onomatopeias, por exemplo. Além da união da imagem e texto, percebemos o caráter caricatural e satírico impregnado aos clichês.

Aos denominarem as imagens apenas como clichês, um termo técnico da tipografia, verifica-se uma tentativa de dissociar o uso das imagens no jornal aos gêneros quadrinísticos. Essa atitude está em sintonia com o ideal moralista e conservador da publicação, que por ter seu início numa conjuntura religiosa, não podia ser relacionada a uma forma desviante e infantil de uso das imagens, tal como eram os quadrinhos, na época. Como destaca Paiva (2013), antes de serem vistas como arte, as histórias em quadrinhos sofreram grande preconceito e perseguição, pois “deseducavam” as crianças. Inclusive, num determinado momento, foram associadas a problemas da adolescência, como a rebeldia e a homossexualidade, o que, em certas situações, eram problemas atribuídos à má influência de personagens dos gibis. Com todos esses fatores em mente, é possível entender a nomeação e o tratamento das imagens do jornal pelo termo técnico tipográfico, apenas como “clichês” e não como possíveis exemplares do gênero das histórias em quadrinhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as imagens estudadas aqui serem tratadas como “clichês” e não pertencerem, de acordo com os jornais da época na região de Diamantina, a um gênero das histórias em quadrinhos, podemos considerar que elas têm características que as aproximam dos gêneros quadrinísticos que estão presentes na maioria dos jornais de grande circulação, tais como as charges e os cartuns. A justificativa para uma não nomeação e consideração dessas imagens como um gênero das histórias em quadrinhos, pode vir do caráter moralista e da vocação religiosa do jornal, que exercia influência na maneira como se denominava e tratava as imagens, haja vista que as histórias em quadrinhos no seu percurso histórico foram muito marginalizadas e eram vistas basicamente como uma forma de entretenimento não edificante.

Contudo, é importante destacar que as imagens não se faziam presentes nos jornais como um dos gêneros das histórias em quadrinhos, mas, ainda assim, exerciam o papel de informar e apresentar conteúdo de teor humorístico fazendo críticas aos costumes, à política e à administração pública, o que englobava frequentemente o posicionamento moralista e conservador do jornal com “o novo mundo que surgia”.

REFERÊNCIAS

ARBACH, J. M. I. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.

ARRIGONI, M. M. **Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum**. Londrina: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011.

DAVIES, C. Cartuns, caricaturas e piadas: Roteiros e estereótipos. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 93-124.

GOODWIN JR., J. W. **Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição – Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/rX1y9O>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: A questão dos estereótipos culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MODENESI, T. V. **Quadrinhos e educação em cinco pontos de vista.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

NEVES, J. A. **Voz de Diamantina.** Ano VIII, nº 48, p.2, 1945.

_____ **Voz de Diamantina.** Ano VII, nº 39, p.2, 1944.

_____ **Voz de Diamantina.** Ano XLI, nº 24, p.3, 1948.

_____ **Voz de Diamantina.** Ano IX, nº 34, p.2, 1946.

PAIVA, F. S. As Histórias em Quadrinhos e a Educação. In: MODENESI, T. V. (Org.). **Quadrinhos e educação em cinco pontos de vista.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 9-26.

RAMOS, P. **Tiras livres: Um novo gênero dos quadrinhos.** Paraíba: Marca de fantasia, 2014.

UTSCH, A. (Org.). **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: Patrimônio gráfico entre ação e preservação.** Diamantina: Associação do Pão de Santo Antônio, 2015.

VERGUEIRO W; SANTOS R. **A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil.** V. 8 - Nº 2 jul./dez. São Paulo, 2014. p. 175-190.